

# Leituras sobre a África Contemporânea: representações e abordagens do continente africano nos livros didáticos de História\*

*Anderson Oliva*

Professor de História da África. Universidade do Recôncavo da Bahia UFRB

E-mail: oliva@unb.br

## **Resumo**

O tratamento concedido a história da África Contemporânea nos livros didáticos de 5ª a 8ª série é o objeto principal do presente artigo. O enfoque eleito e as questões levantadas articulam-se em torno de uma reflexão central: o quanto os textos, imagens e interpretações apresentadas pelos livros escolares divergem ou convergem em relação ao chamado imaginário brasileiro construído sobre a África e os africanos. Observamos a existência de uma análise superficial das trajetórias recentes dos países e sociedades africanas e uma repetição das representações e estereótipos divulgados sobre o continente.

**Palavras-chave:** História da África Contemporânea. Livros Didáticos. Representações.

## **Abstract**

The treatment given to history of Contemporary Africa in textbooks of 5<sup>th</sup> to 8<sup>th</sup> grade is the main subject of this article. The focus elected and the issues raised are articulated around a central consideration: how the texts, images and interpretations made by school books diverge or converge in relation to the so-called imaginary Brazilian built on Africa and the Africans. As a general framework it is a superficial analysis of the recent trajectories of the countries in African societies in a repeat of representations and stereotypes disclosed on the continent.

**Keywords:** History of Contemporary Africa. Textbooks. Representations.

Os últimos anos foram marcados por alguns produtivos e intensos debates envolvendo o ensino da história africana. Se por um lado, é certo que a Lei 10639/03 foi uma das forças dinâmicas desse processo, defendo também que o aumento das investigações e do número de especialistas em História da África no Brasil responda por parcela significativa das atividades e investigações ocorridas ou em execução.

Como resultado desse casamento de fatores, percebemos uma positiva tendência de criação de políticas e de práticas acerca da temática, entre as quais, podemos citar: a publicação de artigos, livros, dissertações e teses — frutos das pesquisas desenvolvidas pelos africanistas brasileiros e de estudos clássicos da

historiografia africanista internacional —, servindo que matéria-prima de alta qualidade para referenciar as atividades de ensino; a oferta, cada vez mais freqüente, de Cursos de Extensão, Capacitação de Professores e Especialização com temáticas voltadas à trajetória histórica das sociedades africanas; a ampliação do número de cursos de graduação em História que oferecem, em suas matrizes curriculares, componentes com o foco principal na história da África; a criação de espaços para o debate, divulgação de experiências e para produção de conhecimento, articulando professores universitários e da educação básica, especialistas, estudantes, integrantes dos movimentos sociais organizados e demais interessados<sup>1</sup>.

\* Este trabalho recebeu apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

<sup>1</sup> Acerca da temática, ver o seguinte artigo: OLIVA, Anderson Ribeiro. A história africana nos cursos de formação de professores: panorama, perspectivas e experiências. *Estudos Afro-Asiáticos*, v. 28, números 1/2/3, Rio de Janeiro, 2006, p. 187-219.

Apesar desse quadro, que revela certo otimismo quando pensamos a questão do tratamento da história africana nas salas de aula, outro importante ingrediente das práticas docentes e do sistema educacional brasileiro parece resistir às mudanças: os livros didáticos. Não ignoramos a densa historiografia que se constituiu em torno do campo do ensino da história do Brasil nos últimos vinte anos e a atenção dedicada por dezenas de autores às reflexões, análises e críticas sobre o uso desse material em nossos bancos escolares<sup>2</sup>. Infelizmente, não poderemos realizar aqui uma síntese desses trabalhos. Porém, apesar das polêmicas e pontuais intervenções acerca do tema, parece existir um consenso de que, para o mal ou para o bem, os manuais escolares contam com um espaço cada vez mais cativo nos exercícios desenvolvidos em nossas experiências escolares.

Sendo assim, as abordagens acerca dos estudos africanos, presentes ou ausentes nas coleções de livros didáticos de História, aparecem como ingredientes-chaves na composição, transformação e manutenção das referências e imagens que o público escolar constrói sobre aquele continente e suas sociedades. Partindo desses elementos expliquemos nossas intenções ao abordar o tratamento concedido à história contemporânea da África nos livros didáticos.

Atentando para a construção das representações e imagens sobre os africanos no imaginário<sup>3</sup> contemporâneo da população brasileira percebemos um conjunto mais ou menos homogêneo de idéias compartilhadas. A partir dos anos 1980, o ruir dos sonhos africanos de reconstrução, crescimento e organização pós-ocupação colonial — diante das próprias dinâmicas internas do continente e do seu não-lugar na economia mundial do final do século XX — começaram a ocupar

um lugar substantivo nos cenários mentais formulados sobre aquele continente<sup>4</sup>. Neste mesmo período os meios de comunicação social começaram a ser bombardeados por imagens dos “flagelos” africanos, principalmente dos conflitos, da miséria e das epidemias. As ondas de fome na Etiópia na década de 80, a longa guerra civil angolana, os golpes de Estado sucessivos em algumas partes do continente, o fim do apartheid, as epidemias de Aids e malária, o descontrole governamental, a desorganização geral, a corrupção, os massacres de Serra Leoa e os genocídios em Ruanda e no Sudão, ganharam freqüentemente destaque nas páginas de jornais e revistas, nas telas da televisão e nas produções cinematográficas. A partir desse contexto seria interessante perguntarmos que imagens os brasileiros contemporâneos geram e carregam sobre a África e suas populações. De acordo com o historiador Valdemir Zamparoni, as respostas possíveis a essa questão não destoam muito uma das outras:

*(...) exótica, terra selvagem, como selvagem são os animais e pessoas que nela habitam: miseráveis, desumanos, que se destroem em sucessivas guerras fratricidas, seres irracionais em meio aos quais assolam doenças devastadoras. Enfim, desumana.*<sup>5</sup>

Essas parecem ser as mais fortes imagens acerca da África circulantes no imaginário coletivo brasileiro do tempo presente. A elas se associam toda a carga negativa da escravidão, do racismo e do desconhecimento da História de África que carregamos ao longo do século XX.

Partindo do princípio que existe uma importante influência do ensino da história na construção de

<sup>2</sup> VILLALTA, Luiz Carlos. O livro didático de história no Brasil: perspectivas de abordagem. In: *Pós-História*, (Unesp), (9), Assis, 2001, pp. 39-59; BITTENCOURT, Circe. Livros Didáticos entre Textos e Imagens. In: \_\_\_\_\_. *O Saber Histórico na Sala de Aula*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 69-90; MACEDO, José Rivair. História e livro didático: o ponto de vista do autor. In: GUAZZELLO, Cezar Augusto Barcellos, et al. *Questões de Teoria e Metodologia da História*. Porto Alegre: EDUFRG, 2000, p. 289-301; MUNAKATA, Kazumi. História que os Livros Didáticos contam, depois que acabou a Ditadura no Brasil. In: FREITAS Marcos Cezar (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo, Contexto, 2001, p. 271-298.

<sup>3</sup> O debate acerca dos sentidos e usos do conceito de *imaginário* é extenso e extremamente rico. No entanto, em poucos casos encontramos uma definição, ao mesmo tempo tão sintética e envolvente, como a apresentada pela historiadora Sandra Jatahy Pesavento. Segundo Pesavento o “imaginário faz parte de um campo de representação e, como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade. Mas imagens e discursos sobre o real não são exatamente o real ou, em outras palavras, não são expressões literais da realidade, como um fiel espelho. (...) Enquanto representação do real, o imaginário é sempre referência a um “outro” ausente. O imaginário enuncia, se reporta e evoca outra coisa não explícita e não presente”. (In: Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. In: *Revista Brasileira de História*, vol. 15, nº 29, São Paulo, 1995, p. 15).

<sup>4</sup> MUNANGA, Kabengele. África: trinta anos de processo de independência. *Revista da USP*, nº 18, São Paulo, fevereiro-agosto de 1993, p. 102; e MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. África: fatores internos e externos da crise. In: *Revista da USP*, v. 18, São Paulo, 1993, p. 60-69.

<sup>5</sup> ZAMPARONI, Valdemir. A África, os africanos e a identidade brasileira. In: PANTOJA, Selma e ROCHA, Maria José (orgs.). *Rompendo Silêncios: História da África nos currículos da educação básica*. Brasília: DP Comunicações, 2004, p. 40.

interpretações e representações dos alunos acerca dos seus cotidianos e das diversas realidades que os cercam, buscamos analisar como a história da África, do período que se estende do último quartel do século XIX até os dias atuais, foi tratada em alguns livros didáticos de história. Entendendo a extensão da proposta apresentada, reservamos nossos olhares às páginas de dez livros didáticos<sup>6</sup>, produzidos entre 1999 e 2002, e destinados a 6<sup>a</sup>, 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> séries do Ensino Fundamental.

Acreditamos ser extremamente valioso realizar a análise aqui proposta, buscando avaliar as possíveis impregnações e participações dos manuais didáticos — especificamente sobre o objeto levantado — nas construções ou desconstruções mentais elaboradas pelos nossos estudantes sobre a África. Como estratégia de diálogo com os autores dos manuais, que deverá servir também como uma tentativa de orientar nossos leitores docentes (quando for o caso), procuraremos a cada ponto ou reflexão realizados, apontar algumas referências de leitura ou consultas à historiografia especializada na história africana.

## **A abordagem da História da África Contemporânea nos livros didáticos**

Antes de iniciarmos nossas incursões pelas páginas dos manuais escolares selecionados permitam-me prestar alguns breves esclarecimentos. Os resultados aqui apresentados fazem parte da investigação que resultou em minha tese de doutorado, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília<sup>7</sup>. Na realidade, o percurso seguido por aquele texto foi mais extenso e multifocal, envolvendo uma longa discussão entre a construção das representações sobre os africanos no imaginário ocidental, principalmente nos últimos duzentos anos, e o tratamento concedido à História da África nos livros didáticos no Brasil e em Portugal, produzidos entre 1990 e 2005.

Para sistematização de nossas análises, classificamos os assuntos enfocados sobre a história africana dentro de três recortes temático-cronológicos, divididos por sua vez em tópicos, nos quais, associamos as visões dos autores dos manuais acerca de determinados conteúdos aos referenciais formulados por parte da historiografia africanista. Os recortes escolhidos foram os seguintes: “Abordagens da África até o século VII”; “O estudo da história da África entre os séculos VII e XVIII”; “O estudo da história da África entre os séculos XIX e XXI”.

A seleção dos livros analisados nesses tópicos procurou seguir um critério de coesão: a escolha dos volumes pertencentes apenas às coleções de manuais didáticos de História, destinados ao ensino de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries, que possuíam capítulos ou tópicos exclusivos para o tratamento da História Africana.

No presente artigo iremos trabalhar com o último dos tópicos listados acima, a partir da análise de dez (10) livros, pertencentes a sete (7) coleções diferentes. Como já adiantamos, todos eles — organizados tanto pelo formato de História Integrada como pelo de História Temática<sup>8</sup> — envolviam recortes cronológicos que abarcavam o final do século XIX ou o século XX. No mais, como um último elemento explicativo, nos vimos estimulados a incluir na análise, para o período correspondente à história contemporânea da África, dois volumes da coleção<sup>9</sup>, que recebeu as melhores avaliações do Guia de Livros Didáticos organizado pelo MEC<sup>10</sup> até 2002, sendo recomendado com distinção. Dessa forma, ele também se tornou um dos manuais mais solicitados e utilizados pelos professores em diversas escolas brasileiras<sup>11</sup>.

Concluída essa sintética digressão sobre as origens do presente artigo sinalizamos que, as análises do tratamento concedido à história contemporânea da África nos manuais escolares selecionados perseguiram, fundamentalmente, a abordagem de quatro objetos:

- A abordagem dos processos de resistência dos africanos à ocupação colonial do século XIX;

<sup>6</sup> Os livros estão listados nas referências bibliográficas.

<sup>7</sup> Ver: Autor, 2007.

<sup>8</sup> De uma forma geral poderíamos assim definir esses recortes: *História Integrada* — os volumes da coleção abordam as histórias do Brasil e Geral de forma articulada temporalmente, numa seqüência cronológica que relaciona as histórias de várias civilizações, sociedades ou contextos históricos contemporâneos entre si; *História Temática* — livros com os assuntos organizados por temas específicos, seguindo um viés temporal ou temático.

<sup>9</sup> Ver: PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. *História e Vida Integrada*. São Paulo: Ática, 2002.

<sup>10</sup> Ver os Guias de avaliação dos livros didáticos elaborados pelo MEC: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Guia dos livros didáticos*: 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries. Brasília: MEC; Programa Nacional do Livro Didático, 1999 e MEC: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Guia dos livros didáticos*: 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries. Brasília: MEC; Programa Nacional do Livro Didático, 2002.

<sup>11</sup> CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. Aspectos políticos e econômicos da circulação do livro didático de História e suas implicações curriculares. In: *História*, 23, 1-2, São Paulo, 2004, p. 41.

- O tratamento concedido às Independências em África do século XX;
- O estudo das temáticas contemporâneas comumente associadas ao continente: Apartheid; Subdesenvolvimento; Guerras e Massacres; Tragédias e Doenças;
- As imagens veiculadas sobre a história contemporânea da África.

Realizada a leitura desses objetos tencionamos no final do artigo estabelecer algumas reflexões acerca das relações entre a forma como a África aparece retratada nesses manuais e no imaginário brasileiro.

### **A abordagem dos processos de resistência dos africanos à ocupação colonial europeia**

A eleição desse primeiro tópico associa-se à necessidade de visualizarmos o tratamento concedido a um dos momentos mais marcantes da história contemporânea africana. Consultando a historiografia africanista acerca do período, parece existir um consenso de que uma série de imagens negativas e preconceituosas foi gerada sobre a África nesse recorte temporal — primitivos, selvagens, tribais, atrasados, preguiçosos<sup>12</sup>. E, mais do que isso, formatou-se uma equivocada idéia geral de que os africanos sucumbiram passivamente à ocupação europeia, por serem incapazes de opor resistência efetiva às ações colonialistas. Somando-se a isso, a “conquista ou partilha da África”, confirmaria de forma pragmática, pela mesma ótica eurocêntrica, as teorias que justificavam e legitimavam a ação colonizadora de alguns países europeus no continente<sup>13</sup>.

Dessa forma, focar o assunto nos manuais escolares é um instrumento importante a ser utilizado para revelar as estratégias de resistência — militar, religiosa, política, cultural, laboral, imaginária — e os movimentos e dinâmicas históricas do período, que contaram com intensa participação das sociedades africanas. Explicitar o papel desempenhado pelos africanos em meio aos

interesses e intervenções estrangeiras revelaria aos estudantes e docentes uma outra face do citado contexto histórico<sup>14</sup> e auxiliaria a desconstruir as idéias equivocadas formuladas anteriormente.

Um primeiro aspecto observado foi de ordem quantitativa. Ou seja, identificamos os manuais que enfocavam ou não a questão. Os resultados obtidos não foram tão negativos, apesar de serem ainda insuficientes. Dos dez manuais, quatro citavam ou tratavam o assunto. Alguns o fizeram de forma bastante superficial, outros procuraram destacar algumas de suas faces diversificadas, demonstrando estar em sintonia com a historiografia recente produzida sobre a temática. Porém, a maioria, apresentava informações e abordagens pouco consistentes, além de um reduzido espaço para tratamento.

No manual de Mário Schmidt, *Nova História Crítica, 7ª série*, percebemos que o autor concedeu a questão uma perspectiva marcada por denúncias e argumentos tendenciosos e, em alguns aspectos, equivocados.

*Podemos perguntar: o que os povos africanos fizeram diante dessa situação? Ora, resistiram heroicamente. Infelizmente, no entanto, seus escudos e lanças não eram páreo para os fuzis, as metralhadoras e os canhões europeus. A história do domínio colonial foi também a história das brutalidades cometidas pelos colonizadores. Os soldados europeus invadiam as aldeias africanas e incendiavam as casas com os moradores lá dentro mesmo, metralhavam tribos inteiras, torturavam e até amputavam membros dos nativos.*<sup>15</sup>

No caso desse manual, os problemas se encontram na classificação das ações históricas — apresentadas em uma escala maniqueísta —, nas imprecisões e generalizações acerca das estratégias e instrumentos adotados pelos africanos na resistência aos europeus, e nas ferramentas de controle e dominação empregadas no

<sup>12</sup> Acerca da questão, ver os seguintes trabalhos: HENRIQUES, Isabel Castro. *Os pilares da diferença: relações Portugal-África, séculos XV-XIX*. Lisboa: Caleidoscópio, 2004; ZAMPARONI, Valdemir. *De escravo a cozinheiro: colonialismo e racismo em Moçambique*. Salvador: Edufba, 2007.

<sup>13</sup> Sobre o tema ver: HERNANDEZ, Leila Leite. Os movimentos de resistência na África. In: *Revista de História*, USP, nº 141, São Paulo, 1999, p. 142.

<sup>14</sup> Acerca do assunto, ver: UZOIGWE, Godfrey N. Partilha europeia e conquista da África: apanhado geral. In: BOAHEN, A. Adu. (org). *História Geral da África VII*. São Paulo: Ática; Unesco, 1991, pp. 43-67; RANGER, Terence. Iniciativas e resistências africanas em face da partilha e da conquista. In: BOAHEN, A. Adu. (org). *História Geral da África VII*. São Paulo: Ática; Unesco, 1991, pp. 59-86; M'BOKOLO, Elikia. África central: o tempo dos massacres. In: FERRO, Marc (org.). *O livro negro do colonialismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 502-521.

<sup>15</sup> SCHMIDT, Mario. *Nova História Crítica. 7ª série*. São Paulo: Nova Geração, 2002, p. 237.

continente africano<sup>16</sup>. As ações consideradas violentas e os atos de resistência não podem ser tomados como homogêneos. É preciso que se conceda a eles suas especificidades. Ao mesmo tempo, é conhecido o uso de armas de fogo por vários focos de luta tentados pelos africanos. A idéia transmitida pelo autor, pelo contrário, defende a idéia de que os “tribais” povos africanos resistiram “heroicamente” à agressão dos avançados exércitos europeus.

Já no livro intitulado, *Uma História em Construção, volume 4*, os autores destacam que “a dominação só foi possível devido à superioridade militar européia”, apresentando argumentos que parecem estar mais ajustados à historiografia sobre o tema<sup>17</sup>.

*As metralhadoras — a Maxim e a Gatling — foram decisivas para a conquista militar, porque os africanos ofereceram ampla resistência aos invasores. Lutas anticoloniais ocorreram em Bilundu, Angola, Maji-Maji, Serra Leoa, Congo, Uganda e Quênia. Só após sufocar revoltas no Egito em 1876 e em 1882, e no Sudão em 1898, é que os britânicos puderam garantir sua supremacia no norte da África (...). Só no Sudão mais de 20 mil pessoas morreram em combate.*<sup>18</sup>

No livro de Joelza Ester Rodrigue, *História em Documento: texto e imagem, 8*, que aborda a questão em um tópico com duas páginas (uma só com imagens), a ênfase sobre os movimentos de resistência destaca alguns dos conflitos que marcaram os anos iniciais do processo de ocupação colonial em África, como os ocorridos “em Serra Leoa, Zimbábue, Angola, Namíbia, Tanzânia, Costa do Marfim, Gana” e o nome de alguns dos líderes africanos, como Gungunhana. Também percebemos a perspectiva de denúncia ou crítica à ação européia, marcada, de acordo com a autora, pela “opressão”.

*(...) tratados com violência, os africanos eram massacrados pelas modernas armas européias. Na primeira década do século XX, a conquista estava praticamente concluída e a África dividida em cerca de quarenta unidades políticas (...). Outra forma de resistência foram os movimentos religiosos. Muçulmanos, seguidores de cultos africanos e de religiões afro-cristãs chegaram a pegar em armas contra os colonizadores.*<sup>19</sup>

Em outro manual, intitulado *O jogo da História*, os autores destacam o papel dos missionários e exploradores europeus na ação de reconhecimento e ocupação do continente africano<sup>20</sup>. A abordagem dos movimentos de resistência também se recobre de uma perspectiva dicotômica, porém os autores utilizam o antagonismo entre brancos x negros, ao invés da fórmula, *exploradores x explorados*, apresentada nos outros manuais, quando afirmam que “os povos africanos resistiram, fazendo guerra ao branco durante todo o período colonial. (...) cada povo, a sua maneira, resistiu à dominação branca”<sup>21</sup>.

Acerca dos impactos e conseqüências do colonialismo para as sociedades africanas encontramos em seis dos dez livros uma perspectiva muito parecida<sup>22</sup>. Neste caso, a maioria dos textos está de acordo com as correntes de historiadores que apontavam para o domínio colonial europeu, associado ao tráfico de escravos e ao racismo, como o principal responsável pela situação de crise vivenciada atualmente em várias partes do continente<sup>23</sup>.

No entanto, uma nova onda de estudos e interpretações tem varrido a historiografia africanista buscando uma visão mais equilibrada sobre o tema. Essas novas interpretações não eximem os europeus da responsabilidade histórica pelas ações em curso na África entre os séculos XIX e XX, mas deixa de ver os africanos apenas como vítimas da história. Sendo assim,

<sup>16</sup> Sobre uma crítica mais elaborada acerca deste manual ver, OLIVA, Anderson Ribeiro. A História da África nos Bancos Escolares: representações e imprecisões na literatura didática. In: *Revista Estudos Afro-Asiáticos*, ano 25, n° 3, Rio de Janeiro, set./dez. 2003, p. 421-462.

<sup>17</sup> Sobre o tema ver os seguintes trabalhos: RANGER, Terence. Op. cit., pp. 69-86; e HERNANDEZ, Leila Leite. Os movimentos de resistência na África. In: *Revista de História*, USP, n° 141, São Paulo, 1999, p. 141-149.

<sup>18</sup> MACEDO, José Rivair; OLIVEIRA, Mariley W. *Uma história em construção*, vol. 3. São Paulo: Editora do Brasil, 1999, p. 127.

<sup>19</sup> RODRIGUE, Joelza Éster. *História em Documento: Imagem e Texto*, 8ª. São Paulo: FTD, 2000.

<sup>20</sup> CAMPOS, Flavio de, et. al. *O jogo da História: de Corpo na América e de Alma na África*. São Paulo: Moderna, 2002, p. 173-175.

<sup>21</sup> *Ibid.*, p. 189.

<sup>22</sup> Ver, além dos manuais citados, os seguintes textos: MONTELLATO, Andrea; CABRINI, Conceição e CATELLI, Roberto. *História Temática: O Mundo dos Cidadãos*, 8ª série. São Paulo: Scipione, 2000, p. 106; BONIFAZI, Elio; DELLAMONICA, Umberto. *Descobrimos a História: Idade Moderna e Contemporânea*, 8ª. São Paulo: Ática, 2002, p. 212.

<sup>23</sup> Ver: BOAHEN, A. Adu. O colonialismo na África: impacto e significação. In: *História Geral da África VII*. São Paulo: Ática; Unesco, 1991, pp. 787-811; e MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto-inscrição. In: *Revista Estudos Afro-Asiáticos*, ano 23, n° 1, Rio de Janeiro, 2001, p. 171-209.

muitos historiadores têm chamado a atenção para as próprias responsabilidades africanas sobre suas atuais condições, seja pelas perspectivas das responsabilidades, seja pelas iniciativas a serem tomadas para solucionar os problemas vivenciados<sup>24</sup>. No manual temático intitulado, *O jogo da História, 6ª série*, os autores associam diretamente o quadro de problemas vivenciado atualmente na África tanto ao tráfico de escravos como ao neocolonialismo do século XIX.

*No passado, Mama África foi explorada, recortada, colonizada. Hoje é lembrada nos noticiários da tevê por suas tristezas. O coração das riquezas dos europeus no século XIX transformou-se no coração da pobreza dos dias de hoje. O espetáculo de horrores, que começou a ser encenado a partir do século XV, teve seu apogeu do século XIX. E deixou sua herança.*<sup>25</sup>

Já o texto de Mário Schmidt, *Nova História Crítica, 7ª série*, lista pontualmente os supostos efeitos causados pelo processo de ocupação européia na África, como a fome e os conflitos entre os africanos que teriam sido provocados pela “invenção” das fronteiras no continente a partir da “partilha” européia<sup>26</sup>. Sua leitura também está equivocada sobre o papel da Conferência de Berlim na divisão da África, já que a mesma é retratada como o local no qual teria ocorrido literalmente o “fatiamento” do continente, inclusive com reprodução da falsa imagem de que, os representantes das potências imperialistas que se lançavam à corrida colonial, teriam ali redesenhado o mapa do continente.

*Em 1885, reuniram-se na cidade de Berlim quatorze nações européias, mais os Estados Unidos, para decidirem o futuro da África. Os homens sérios e elegantes debateram a **partilha da África**. A discussão era neste nível: “Qual país europeu ficará com este*

*território?” “E aquela outra região, de quem será?” “Para que lugar nós transferimos essa aldeia?” O mais interessante é que nenhuma nação africana pôde enviar um representante à reunião. Na **Conferência de Berlim**, (...) eles fatiaram a África como se fosse um enorme presunto e jamais consultaram seus habitantes.*<sup>27</sup>

Os outros manuais<sup>28</sup> trabalham com uma idéia próxima a essa, pelo menos no que concerne ao papel da Conferência na partilha da África. Tal leitura revela ou demonstra que os autores desconhecem ou discordam das novas interpretações formuladas pela historiografia africanista sobre o tema. Sabemos que existe um interessante debate na historiografia africanista acerca da questão das fronteiras no continente. Esse debate se estabeleceu tanto em torno da questão conceitual ou dos significados atribuídos às fronteiras pelas sociedades africanas no período anterior à ocupação colonial, como, também, sobre os mecanismos utilizados e os efeitos gerados pela implantação das divisas no período colonial. Da mesma forma, parece ser consenso hoje que, a Conferência de Berlim, desempenhou uma função menos direta e decisiva acerca da partilha africana, pelo menos ao que se refere à imagem divulgada dos representantes das potências imperialistas fatiando o mapa da África com esquadros e régua, o que de fato não aconteceu<sup>29</sup>.

O único material que demonstra uma aproximação com os novos estudos realizados acerca da temática é o de Flávio de Campos, Lídia Aguilar, Regina Claro e Renan Garcia Miranda, *O jogo da História, 6ª série*. Pelo menos os argumentos apresentados pelos autores se aproximam bastante das idéias defendidas pelo historiador nigeriano Godfrey Uzoigwe<sup>30</sup>, de que na Conferência não foram estabelecidas as fronteiras africanas, mas sim as regras para que a ocupação do continente pudesse ocorrer<sup>31</sup>.

<sup>24</sup> Ver o seguinte trabalho: LOPES, Carlos. Enough is Enough! For an alternative diagnosis of the African crisis. In: *África*, USP, 18-19, 1, São Paulo, 1995-1996, p. 69-101.

<sup>25</sup> CAMPOS, Flávio de, et. al. *Op. cit.*, p. 181.

<sup>26</sup> SCHMIDT, Mário. *Op. cit.*, p. 237.

<sup>27</sup> *Ibid.*, p. 238.

<sup>28</sup> Ver MACEDO, José Rivair; OLIVEIRA, Mariley W. *op. cit.*, p. 126; BONIFAZI, Elio; DELLAMONICA, Umberto. *Descobrendo a História: Idade Moderna e Contemporânea*, 8ª. São Paulo: Ática, 2002, p. 213; e PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. *História e Vida Integrada*, 7ª série. São Paulo: Ática, 2002, p. 177.

<sup>29</sup> Sobre o tema ver: HENRIQUES, Isabel Castro. *Território e Identidade: o desmantelamento da terra africana e a construção da Angola Colonial (1872-1926)*. Lisboa: FLUL, 2003. Mimeo; e DÖPCKE, Wolfgang. A vinda longa das linhas retas: cinco mitos sobre as fronteiras na África Negra. In: *Revista Brasileira de Política Internacional*, 42 (1), Brasília, 1999, p. 78-81; 93-101.

<sup>30</sup> UZOIGWE, Godfrey N. *op. cit.*, pp. 52-53.

<sup>31</sup> Para percepção diferenciada ver o trabalho do historiador Wolfgang Döpcke, citado anteriormente.

*Nessa conferência foram feitos acordos de distribuição de territórios e estabelecidas as regras de ocupação para as nações européias. Ou seja, cada país europeu tinha de ocupar de fato um território para reivindicá-lo como seu e avisar aos outros interessados.*<sup>32</sup>

No manual de Nelson Piletti e Claudino Piletti, *História & Vida Integrada*, 7ª série, encontramos também uma abordagem parecida às anteriores, responsabilizando, mesmo que parcialmente, a divisão continental em fronteiras arbitrárias no período colonial, pelos vários conflitos ocorridos nas últimas décadas.

*A partilha da África foi feita de maneira arbitrária, sem respeitar as características étnicas e culturais de cada povo. Em parte, isso tem contribuído para muitos dos conflitos da atualidade no continente africano.*<sup>33</sup>

Um outro objeto adequadamente abordado em alguns manuais é a citação do papel das ideologias coloniais e das teses racistas para o desempenho das ações colonialistas desenvolvidas pelos europeus na África. O trabalho reflexivo com essas idéias permite aos leitores o reconhecimento e a desconstrução histórica de alguns comportamentos e práticas formuladas ao longo dos últimos séculos e que se tornaram ingredientes centrais na relação entre europeus e africanos no decorrer do período colonial na África. De alguma forma elas ainda podem ser encontradas, com novas roupagens, em meio às relações sociais cotidianas no país, na Europa e na África, como o racismo e a discriminação. É o caso, do livro de Mário Schmidt, que apresenta aos seus leitores a idéia de que três grandes postulados alimentaram, em termos teóricos ou científicos, a ação colonial no continente africano: “estamos falando do etnocentrismo, do racismo e do darwinismo social”<sup>34</sup>.

Argumentos parecidos podem ser encontrados também no manual Elio Bonifazi e Umberto Dellamonica, *Descobrimo a História*, 8ª série, que destaca que um dos alicerces ideológicos do imperialismo baseou-se nas teses racistas da superioridade do homem europeu perante o africano.

*Grande parte das populações dos países ricos compartilhava ainda o preconceito da superioridade sobre os outros povos. Era opinião comum entre a população dos países industrializados que os povos dominados constituíam-se em raças inferiores, por natureza incapazes de utilizar seus próprios recursos naturais; e que eles, povos superiores, tinham o direito e o dever de explorá-los em benefício de toda a humanidade.*<sup>35</sup>

Percebemos dessa forma que, o tratamento concedido ao Imperialismo e as suas conseqüências, mesmo que apresentando aspectos adequados e em sintonia com parte da historiografia africanista, apresenta no quadro geral uma condição ainda insatisfatória para o exercício de reconstrução das imagens que circulam sobre a África e os africanos.

### **A falência de um mundo: a África das últimas décadas**

Em relação ao tratamento do período que se estende das independências africanas aos dias atuais vamos encontrar um quadro de imagens e idéias nada favorável a uma revisão crítica e equilibrada das referências imagéticas que circulam sobre a África no imaginário brasileiro.

No caso da análise desse tópico procuramos, inicialmente, focar o espaço concedido aos processos que levaram à desconstrução do sistema colonial no continente — buscando perceber se a ênfase recaiu sobre os movimentos africanos de independência ou se o papel de protagonista foi transferido para as potências européias. Já sobre o recorte temporal que, se estende do final do processo das independências africanas e chega aos nossos dias, intentamos identificar quais foram as notícias e imagens mais veiculadas pelos manuais e organizá-las em algumas categorias mais abrangentes, acerca dos eventos mais abordados.

De uma forma geral, encontramos nos livros didáticos uma concentração convergente dos assuntos enfocados. Tal aproximação temática nos permitiu a construção de categorias nas quais os conteúdos

<sup>32</sup> CAMPOS, Flavio de, et. al. *Op. cit.*, p. 174.

<sup>33</sup> PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. *História e Vida Integrada*. 7ª série. São Paulo: Ática, 2002, p. 185.

<sup>34</sup> SCHMIDT, Mario. *Nova História Crítica*. 7ª série. São Paulo: Nova Geração, 2002, p. 242.

<sup>35</sup> BONIFAZI, Elio; DELLAMONICA, Umberto. *Descobrimo a História: Idade Moderna e Contemporânea*, 8ª. São Paulo: Ática, 2002, p. 213.

apresentados pelos textos analisados poderiam ser classificados. Dos dez livros elencados para o estudo, nove trabalhavam a questão do *apartheid*, sete noticiavam as *guerras civis, conflitos interétnicos e massacres (genocídios)* ocorridos pelo continente, cinco apresentavam a África aos leitores como um continente de *misérias e fome* e outros três destacavam também as *epidemias e doenças* que se alastravam por vários países da região.



**Gráfico 1**

Parece-nos acertada a perspectiva de que os problemas enfrentados pelo continente sejam alvos da abordagem dos autores dos livros escolares. O incômodo, ou o procedimento inadequado, está em reduzir o enfoque concedido à História da África nas últimas décadas a algumas referências, como se elas sintetizassem todas as realidades e características históricas de seus países. Os problemas existem e devem ser noticiados, mas as sociedades africanas não se resumem a eles, existem outras faces da história africana que poderiam ser abordados, conjuntamente aos grandes dilemas que varrem o continente<sup>36</sup>. Mais do que isso, ao apresentar aos leitores as grandes querelas e as tragédias que ocorrem de tempos em tempos na África seria preciso um cuidado muito maior ao explicitar suas causas, agentes participantes e especificidades<sup>37</sup>. Em termos panorâmicos podemos afirmar que os manuais escolares analisados, com algumas exceções, acabam por reforçar

algumas das mais recorrentes imagens presentes no imaginário coletivo brasileiro contemporâneo sobre a África, confundindo o continente e suas populações às imagens acima citadas.

Acerca das independências africanas vamos encontrar um equilíbrio das análises. A maioria dos manuais (60%) enfatiza dois elementos centrais como teses explicativas sobre o processo que culminou com a libertação dos países africanos: os movimentos de luta organizados pelos africanos e o contexto histórico formado pela perda de poder político e econômico das ex-potências coloniais e pela nova ordem mundial do pós-Segunda Guerra<sup>38</sup>.

O emprego de termos carregados de significados explicativos também encontra uma distribuição equitativa. Em seis manuais o processo é descrito como “Descolonização”, o que aproxima os eventos da esfera de influência européia, e, também em seis livros (em cinco os termos são coincidentes), aparece o termo “independências africanas”, que aproxima o fenômeno da esfera de influência africana. Em alguns textos, como no de Mário Schmidt, *Nova história Crítica, 8ª série*, esses elementos são apresentados, de fato, como co-participantes e em condição de igual importância para a libertação dos países africanos<sup>39</sup>. Para o autor, a Europa “(...) não tinha condições de controlar suas colônias” e “os povos coloniais, então, souberam se aproveitar da fraqueza européia naquele momento para conquistar sua independência”<sup>40</sup>.

Em outros manuais, como no de Elio Bonifazi e Umberto Dellamonica, o destaque é concedido apenas a um dos fatores — no caso, quase sempre a perda de poder por parte dos países europeus —, apontado como mais importante do que o outro<sup>41</sup>. Já no livro de Nelson Piletti e Claudino Piletti, *História & Vida Integrada, 8ª série*, os autores delineiam justamente os três aspectos acima citados como um conjunto equilibrado de fatores causadores das independências no continente:

(...) o enfraquecimento dos países europeus devido à Segunda Guerra Mundial; a própria luta de liberta-

<sup>36</sup> FAGE, John D. *História da África*. Lisboa: Edições 70, 1995, p. 513-551.

<sup>37</sup> MBEMBE, Achille. *Op. cit.*, p. 171-209.

<sup>38</sup> FAGE, John D. *História da África*. Lisboa: Edições 70, 1995, p. 481-512.

<sup>39</sup> O mesmo ocorre no seguinte manual: MACEDO, José Rivair; OLIVEIRA, Mariley W. *Uma história em construção*, vol. 4. São Paulo: Editora do Brasil, 1999, p. 136.

<sup>40</sup> SCHMIDT, Mario. *Nova História Crítica. 8ª série*. São Paulo: Nova Geração, 2002, p. 185.

<sup>41</sup> BONIFAZI, Elio; DELLAMONICA, Umberto. *Descobrendo a História: Idade Moderna e Contemporânea, 8ª*. São Paulo: Ática, 2002, p. 368-369.

*ção dos povos colonizados; e o interesse dos Estados Unidos e da União Soviética em expandir suas áreas de influência.*<sup>42</sup>

O elemento temático de maior recorrência nos manuais é sem sombra de dúvidas o *apartheid* sul-africano que, também é um dos ingredientes mais freqüentados pelo imaginário brasileiro contemporâneo quando o assunto é a África. Ele aparece em 90% dos livros observados. De certa forma, consideramos a abordagem do tema quase sempre acertado e adequado aos estudantes do ensino fundamental, concedendo a eles um instrumental mínimo para o entendimento da situação vivida durante o período de vigência do regime racista naquele país.

*Os negros não podiam ser proprietários de terras e eram obrigados a viver em bairros próprios, separados dos brancos. Não podiam votar e não podiam casar-se com pessoas brancas. A esse regime dava-se o nome de apartheid, que quer dizer separação.*<sup>43</sup>

O último tópico focado, e um dos mais próximos de algumas idéias que circulam no senso comum sobre o continente, refere-se à descrição da atual situação dos países africanos. Neste caso, a perspectiva transmitida pelos autores é, com poucas exceções, realizada sem nenhum aporte crítico, transformando o conteúdo dos textos em meras notícias de certas realidades ali vivenciadas, muitas vezes estigmatizadas. Novamente, alertamos que o equívoco não se encontra em trabalhar o tema, ele deve ser apresentado aos estudantes, pois sinalizam para algumas de suas faces históricas contemporâneas.

O problema está em sintetizar a história africana a ele, como se não houvesse outras realidades a retratar, e, como se, as sociedades do continente só pudessem ser visualizadas a partir dessas imagens. E, mais do que isso, os assuntos enfocados não podem ser tratados sem suas especificidades e ritmos próprios, pois quando isso ocorre,

a mensagem transmitida é a de que em toda a África os eventos ocorrem da mesma forma. Em sete dos dez manuais as guerras civis são mencionadas como uma dessas faces atuais mais marcantes da África; já em cinco, ocorre a referência sobre a situação de miséria vivenciada por milhões de africanos, e, por fim, em outros três, a associação é feita com as doenças e epidemias.

No manual de Nelson e Claudino Piletti, a referência mais explícita às faces contemporâneas da África é a citação à epidemia de Aids que ocorre em várias partes do continente. Segundo os autores a “Aids é um fenômeno mundial. (...) Mas é na África, onde provavelmente a doença se originou, que se constata os casos mais graves.” Por fim, acrescentam que, “naquele continente vivem 70% dos portadores do HIV”<sup>44</sup>.

No manual de Flávio de Campos, Lídia Aguilar, Regina Claro e Renan Garcia Miranda, a idéia apresentada é a de que “no século XXI a África é marcada pela miséria, por guerras e epidemias. Com raras exceções, a situação (...) é trágica”<sup>45</sup>. Por fim, no livro de Elio Bonafazi e Umberto Dellamonica, além de apresentar um quadro dramático, os autores, de forma bastante adequada e não percebida em outros textos, sinalizam para algumas perspectivas e caminhos alternativos para a solução dos grandes dilemas africanos.

*A África é o continente mais pobre do planeta. Na área subsaariana se concentram as mais altas taxas de mortalidade, as piores condições higiênico-sanitárias e as rendas mais baixas da Terra. Numerosas regiões do continente ainda são perturbadas por conflitos étnicos, que determinam uma permanente instabilidade política. (...) O panorama pessimista do continente africano, todavia, apresenta alguns elementos positivos. Por exemplo, a progressiva democratização da África do Sul tem feito deste país um ponto de referência para toda a área meridional do continente. Um forte crescimento dos investimentos provenientes dos mercados financeiros mundiais está, ademais, alimentando a economia de diversos Estados africanos.*<sup>46</sup>

<sup>42</sup> PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. *História e Vida Integrada*. 8ª série. São Paulo: Ática, 2002, p. 99.

<sup>43</sup> BONIFAZI, Elio; DELLAMONICA, Umberto. *Descobrendo a História: Idade Moderna e Contemporânea*, 8ª. São Paulo: Ática, 2002, p. 370.

<sup>44</sup> PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. *História e Vida Integrada*, 8ª série. São Paulo: Ática, 2002, p. 217. Ver também: MACEDO, José Rivaír; OLIVEIRA, Mariley W. *Uma história em construção*, vol. 4. São Paulo: Editora do Brasil, 1999, p. 137.

<sup>45</sup> CAMPOS, Flavio de, et. al. *Op. cit.*, p. 181. Sobre a questão ver também: SCHMIDT, Mario. *Nova História Crítica*. 8ª série. São Paulo: Nova Geração, 2002, p. 187.

<sup>46</sup> BONIFAZI, Elio e DELLAMONICA, Umberto. *Descobrendo a História: Idade Moderna e Contemporânea*, 8ª. São Paulo: Ática, 2002, p. 372-373.

## As imagens veiculadas

No campo das imagens veiculadas encontramos um quadro em sintonia com as temáticas mais enfocadas pelos manuais, prevalecendo a construção de um cenário negativo sobre o continente e suas sociedades. Das 87 figuras localizadas nos dez livros, a maioria retratava a África a partir das seguintes perspectivas temáticas: “Apartheid” — 20 imagens (23%); “Imperialismo e África Colonial” — 17 imagens (19,5%); “Pobreza, Miséria e Doenças” — 8 imagens (9,2%); “Guerras Civis” — 2 imagens (2,3%); “Africanos retratados como tribais” — 2 imagens (2,3%). Já as imagens retratando os africanos em situações cotidianas, 2 (2,3%), em cenas que retratam as “resistências ao imperialismo”, 7 (8%), ou as “independências africanas”, 9 (10,3%), representaram, ao todo, e novamente sem contabilizarmos os mapas, cerca de 20% das imagens.

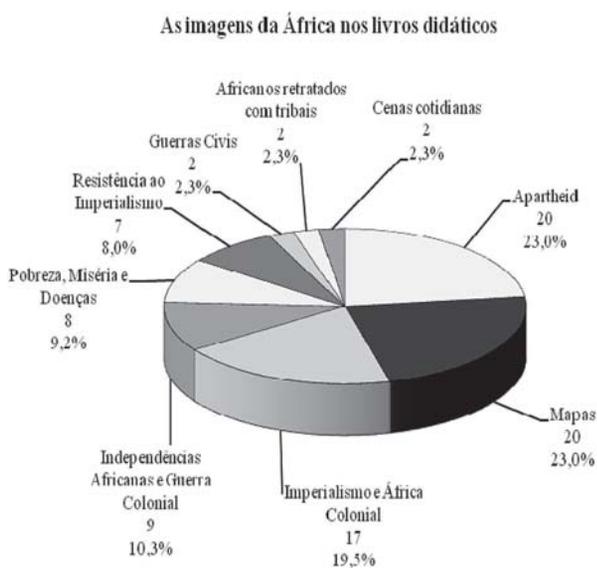


Gráfico 2

Ou seja, excluindo os mapas — com representações sobre o domínio colonial, a partilha africana e a África contemporânea —, com 20 exemplares ao todo (23% das imagens), as iconografias com um enfoque de carga negativa somaram cerca de 70% das representações imagéticas veiculadas.

## Algumas reflexões

Comecei o artigo comentando que os últimos cinco anos foram marcados por um intenso debate em torno

da construção de caminhos para a aplicação da lei 10639/03. Lembro-me que, na época da entrada em vigor da lei, muitos especialistas alertaram que uma de suas mais fortes repercussões seria justamente o fato de que a obrigatoriedade de se ensinar a história africana em nossos bancos escolares revelava o descaso que até então envolvia o tema, apesar das sempre positivas exceções. Concordo com eles.

Esse descaso, somado a multissecular herança sobre as imagens geradas e circulantes sobre a África e os africanos nos cenários mentais brasileiros — quase sempre depreciativas —, espelha o mais divulgado conjunto de representações sobre aquele continente e suas gentes. Sendo assim, parece-me ser necessária uma breve e intensa revisão dos conteúdos trabalhados pelos manuais didáticos analisados. Apesar das positivas experiências, a maioria dos textos parece reprisar os velhos cenários fabricados, e, portanto, parecem seguir rumos distintos aos indicados pela lei e por nossos especialistas.

## Referências

- BOAHEN, A. Adu. O colonialismo na África: impacto e significação. In: \_\_\_\_\_. *História Geral da África VII*. São Paulo: Ática; Unesco, 1991, pp. 787-811.
- BONIFAZI, Elio; DELLAMONICA, Umberto. *Descobrendo a História: Idade Moderna e Contemporânea*, 8ª. São Paulo: Ática, 2002.
- CAMPOS, Flavio de, et al. *O jogo da História: de Corpo na América e de Alma na África*. São Paulo: Moderna, 2002.
- DÖPCKE, Wolfgang. A vinda longa das linhas retas: cinco mitos sobre as fronteiras na África Negra. In: *Revista Brasileira de Política Internacional*, 42 (1), Brasília, 1999, pp. 77-109.
- FAGE, John D. *História da África*. Lisboa: Edições 70, 1995.
- HERNANDEZ, Leila Leite. Os movimentos de resistência na África. In: *Revista de História, USP*, n° 141, São Paulo, 1999, pp. 141-149.
- LOPES, Carlos. Enough is Enough! For an alternative diagnosis of the African crisis. In: *África*, Revista do Centro de Estudos Africanos da USP, 18-19, 1, São Paulo, 1995-1996, pp. 69-101.
- MACEDO, José Rivair; OLIVEIRA, Mariley W. *Uma história em construção*, vol. 4. São Paulo: Editora do Brasil, 1999.
- MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto-inscrição. In: *Revista Estudos Afro-Asiáticos*, ano 23, n° 1, Rio de Janeiro, 2001, pp. 171-209.

- MONTELLATO, Andrea; CABRINI, Conceição; CATELLI, Roberto. *História Temática: Diversidade Cultural*, 6ª série. São Paulo: Scipione, 2000.
- MONTELLATO, Andrea; CABRINI, Conceição; CATELLI, Roberto. *História Temática: O Mundo dos Cidadãos*, 8ª série. São Paulo: Scipione, 2000.
- MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. África: fatores internos e externos da crise. In: *Revista da USP*, v. 18, São Paulo, 1993, p. 60-69.
- MUNANGA, Kabengele. África: trinta anos de processo de independência. In: *Revista da USP*, n° 18, São Paulo, fev-ago 1993, pp. 102-111.
- OLIVA, Anderson R. *Lições sobre a África: diálogos entre as representações dos africanos no imaginário Ocidental e o ensino da História da África no Mundo Atlântico (1990-2005)*. Tese (Doutorado em História Social) – ICH-UnB, Brasília, 2007, 416p.
- \_\_\_\_\_. “A História da África nos Bancos Escolares: representações e imprecisões na literatura didática”. In *Revista Estudos Afro-Asiáticos*, ano 25, n° 3, Rio de Janeiro, set./dez. 2003, pp. 421-462.
- PANTOJA, Selma (org.). *Entre Áfricas e Brasís*. Brasília: Paralelo 15, 2001.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. In: *Revista Brasileira de História*, vol. 15, n° 29, São Paulo, 1995, pp. 9-27.
- PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. *História e Vida Integrada*, 7ª série. São Paulo: Ática, 2002.
- PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. *História e Vida Integrada*, 8ª série. São Paulo: Ática, 2002.
- RANGER, Terence. Iniciativas e resistências africanas em face da partilha e da conquista. In: BOAHEN, A. Adu. (org). *História Geral da África VII*. São Paulo: Ática; Unesco, 1991, pp. 59-86.
- RODRIGUE, Joelza Éster. *História em Documento: Imagem e Texto*, 8ª. São Paulo: FTD, 2000.
- SCHMIDT, Mario. *Nova História Crítica*, 7ª série. São Paulo: Nova Geração, 2002.
- SCHMIDT, Mario. *Nova História Crítica*, 8ª série. São Paulo: Nova Geração, 2002.
- ZAMPARONI, Valdemir. *De escravo a cozinheiro: colonialismo e racismo em Moçambique*. Salvador: Edufba, 2007.